

Cees LEIJENHORST, Christoph LÜTHY & Johannes M.M.H. THIJSEN (eds.). *The Dynamics of Aristotelian Natural Philosophy from Antiquity to the Seventeenth Century*. (Medieval and Early Modern Science 5) Leiden-Boston-Köln, Brill, 2002, pp. VIII+482; ISBN: 90 04 12240 0.

Este volume é o resultado de uma conferência intitulada «The Dynamics of Natural Philosophy in the Aristotelian Tradition (and beyond): Doctrinal and Institutional Perspectives», que decorreu em quatro dias em Berg-en-Dal (local próximo da cidade de Nijmegen - Holanda), em Agosto de 1999. Organizada ao abrigo de um programa de investigação mais vasto e intitulado «Early Modern Thought: Reconsidering the Borderline Between the Middle Ages and Early Modern Times», levado a cabo por uma rede internacional de investigadores (p. VIII), os organizadores da conferência perseguiram essencialmente dois propósitos: o primeiro, «unir os académicos que trabalham os comentadores Gregos de Aristóteles com aqueles que trabalham a tradição Árabe e as tradições aristotélicas da Idade Média Latina, o Renascimento, e o século XVII»; o segundo, «reunir os académicos para quem Aristóteles e a tradição de comentários aristotélicos são de um interesse filosófico ou doutrinário, e aqueles para quem a filosofia natural aristotélica representa primeiramente um esforço científico, ou proto-científico» (p. VII). Este livro é então o produto da congregação de pesquisas e perspectivas por parte de investigadores oriundos tanto da história da filosofia bem como da história da ciência, contendo uma introdução e dezassete ensaios em torno da história da filosofia natural aristotélica.

O primeiro capítulo do livro - «The Tradition of Aristotelian Natural Philosophy. Two Theses and Seventeen Answers» – abre o leque de questões que estão em debate ao longo dos vários ensaios e nele sustenta-se essencialmente as teses «against Essentialism and against Epochalization». Estas duas teses não são uma novidade, conforme reconhecem os editores do livro, mas ainda assim não têm sido devidamente valorizadas e aprofundadas - crêem os editores que convictamente reclamam que «we need a fresh approach to the history of Aristotelian natural philosophy from its origins to 1700 and beyond» (p. 1).

A primeira tese aponta para o facto de o termo «Aristotelianismo» não ter uma «essência» clara ou definição (p. 1), aplicando-se o adjectivo «aristotélico» a diferentes casos doutrinários, acrescentando ainda os editores que, e conforme a segunda tese, para a história da filosofia natural «a divisão tradicional em épocas não só é inútil como também é enganadora». Urge, portanto, libertar a história da filosofia natural das «visões estereotipadas» tradicionais que estabelecem momentos de ruptura entre a Idade Média, o Renascimento e a Idade Moderna (p. 2). Apoiando-nos nesta última tese, «falar da tradição aristotélica de filosofia natural deve significar, antes de tudo, falar de uma tradição de pensamento sobre os fenómenos naturais com referência a, ou na terminologia de, doutrinas expostas nos *libri naturales* de Aristóteles» (p. 4). Assim, ser um filósofo natural «aristotélico» pouco

mais significa do que ter um campo textual comum de referência, pois de resto é inegável o reconhecimento de divergências de posições doutrinárias de todos aqueles autores que se admite pertencerem, de algum modo, a uma corrente de inspiração aristotélica.

Os ensaios que o volume encerra procuram dar conta da contínua presença das ferramentas de análise proporcionáveis pelo uso de vocabulário aristotélico no decurso das investigações no domínio da filosofia natural (até mesmo no pensamento científico dos primeiros séculos da chamada época moderna, movido por uma clara rejeição da «autoridade de Aristóteles» (p. 6)) e mostrar ainda quais foram os factores responsáveis pelo desenvolvimento de vários «aristotelianismos» no terreno da filosofia natural (p. 5). O significado do termo «aristotélico» permanece, assim, envolto em certas dificuldades pois resta saber se o termo é legitimamente aplicado dada a existência de um certo «ar de família» entre um certo número de autores e doutrinas filosóficas ou antes porque o «Aristotelianismo» constitui uma estrutura sistemática doutrinária (p. 5). A resposta mais adequada a esta questão parece dever conciliar estas duas possibilidades, pois ambas as posições estão certas, dependendo dos períodos históricos em questão, isto é, do «grau de rigidez ou flexibilidade» do carácter «aristotélico» que transparece nas diferentes doutrinas (p. 8).

Os ensaios que constam deste livro intentam ilustrar «como foi possível que o mesmo conjunto de *libri naturales* pudessem engendrar uma tal ampla série de interpretações divergentes» (p. 8), apresentando estudos de casos particulares que denotam a «vitalidade e diversidade» da transformação histórica do dito «Aristotelianismo» (p. 13). Conforme se pode apreciar pela diversidade de conteúdos do respectivo índice e pela abordagem de doutrinas escritas em diferentes períodos históricos, a leitura dos dezasseis ensaios oferece ao leitor uma compreensão unitária dos contornos da atribulada história da filosofia natural aristotélica, debatendo o seu amplo campo de significações e influências.

INDICE: Preface (pp. VII-VIII); Christoph LÜTHY, Cees LEIJENHORST and Johannes M.M.H. THIJSSSEN, *The Tradition of Aristotelian Natural Philosophy. Two Theses and Seventeen Answers* (pp. 1-29); Frans A.J. de HAAS, *Modifications of the Method of Inquiry in Aristotle's Physics I.1: An Essay on the Dynamics of the Ancient Commentary Tradition* (pp. 31-56); Richard SORABJI, *Latitude of Forms in Ancient Philosophy* (pp. 57-63); Sylvia BERRYMAN, *The Sweetness of Honey: Philoponus against the Doctors on Supervening Qualities* (pp. 65-79); Peter LAUTNER, *Status and Method of Psychology according to the Late Neoplatonists and their Influence during the Sixteenth Century* (pp. 81-108); Mohammed ABATTOUY, *The Aristotelian Foundations of Arabic Mechanics: From the Ninth to the Twelfth Century* (pp. 109-140); Edward GRANT, *Medieval Natural Philosophy: Empiricism without Observation* (pp. 141-168); Cecilia TRIFOGLI, *Matter and Form in Thirteenth-Century Discussions of Infinity and Continuity* (pp. 169-187); Silvia DONATI, *The Notion of Dimensiones indeterminatae in the Commentary Tradition of the Physics in the Thirteenth and in the Early Fourteenth*

RECENSÕES

Century (pp. 189-223); Dirk-Jan DEKKER, *John the Canon on Time and Motion. A Case Study in Aristotelian Natural Philosophy and Early Scotism* (pp. 225-248); Edith SYLLA, *Space and Spirit in the Transition from Aristotelian to Newtonian Science* (pp. 249-287); Timo JOUTSIVUO, *Aristotle and Galen on Neutral Bodies. Perspectives on Aristotle's and Galen's Auctoritates in Late Medieval and Renaissance Medicine* (pp. 289-306); Heikki MIKKELI, *Italian Aristotelians on the Debate over the Subalternation of Medicine to Natural Philosophy* (pp. 307-324); David A. LINES, *University Natural Philosophy in Renaissance Italy: The Decline of Aristotelianism?* (pp. 325-342); Charles LOHR, *The Social Situation of the Study of Aristotelian Natural Philosophy in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries* (pp. 343-348); Leen SPRUIT, *Natural Science and Human Knowledge in Giordano Bruno's Comments on Aristotelian Physics* (pp. 349-373); Cees LEIJENHORST & Christoph LÜTHY, *The Erosion of Aristotelianism. Confessional Physics in Early Modern Germany and the Dutch Republic* (pp. 375-411); Christia MERCER, *The Aristotelianism at the Core of Leibniz's Philosophy* (pp. 413-440); Bibliography (pp. 441-474); Index of Names (pp. 475-482); List of Contributors (p. 483).

Lidia Queiroz
(Gabinete de Filosofia Medieval / FLUP)